



Visado pela
Comissão de Censura

AVENÇA Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES ANO XII • N.º 289 • PREÇO 1\$00

ACUSO



Aqui, LISBOA!

Tinha chegado a primeira encomenda de apliques e lanternas para o Ultramar. Li a carta. Tornei a ler. Trabalho de dois meses! Dirijo-me com ela à oficina da serralharia, estugado, como quem vai dar a grandes amigos uma grande notícia. Entro. Nunca me pareceu tão bela Maquinaria. Soldadores eléctricos. Muito ferro. A forja. Meia dúzia de rapazes cobertos de limalha e cheios de boa vontade.

Tinha dado ontem os últimos retoques nos papéis do Manuel pedreiro, que vai partir; e os derradeiros conselhos. Comecei a ocupar-me de um outro rapaz, que só não vai com ele, pela demora do seu casamento. Mas vai. É mais um.

Tinha o Júlio ido ao Porto escolher e comprar a quarta *minerva* para a tipografia. Nesta, como nas mais oficinas, temos muita luz, muitas máquinas e três dezenas de rapazes, que trabalham pelo sol, alegres e nada desfalecidos.

O António carpinteiro, subia a avenida empoleirado com os seus numa camioneta de madeira de castanho, que ele foi comprar para obra.

Ao longe, via os camponeses, regidos pelo Sérgio, na sementeira de batatas em grande escala. Ainda estamos a comer delas do ano passado e aqui em casa rilha-se. Com a quinta de Beire a dois passos, não mais tornaremos a importunar por milho, o Grémio dele. Vamo-nos bastar.

Tinha sido tudo como aqui se conta, com esta beleza eficaz construtiva, luminosa e eis que chega o negrume... e que trevas! A notícia de mais um tasco aberto e explorado em uma casa que dista oito metros da nossa área Preocupado e deveras assustado, indago e venho a saber que sendo quatro as lojas existentes nesta terra quando aqui chegamos, hoje são dez já ao público e duas prestes a abrir. Por loja, nestes sítios, entende-se o estabelecimento que vende tudo de tudo e numa secção à parte, vinhos e iscas, com porta franca à semana e ao domingo discreta.

Este número temível de lojas, não corresponde nem é pedido pelas necessidades da população. É antes a Casa do Gaiato. Nós que propositadamente procuramos a distância das cidades para amortecer nestes rapazes o vício de roubar, vem a taberna rodear-nos e mortificar o esforço inaudito dos seus dirigentes.

A tasca recentemente aberta,

é um desafio premeditado. É um aliciamento. A especialidade consta justamente de ceias aos sábados à noite e petiscos ao domingo. Eis que nos espreguiça um mal completo, constante e permanente!

Ora nós escrevemos e fomos levar a carta pessoalmente para que a nossa palavra seja espada de dois gumes; um falado e outro escrito. Não vamos fazer a greve da fome mas declaramos vigília aturada. Não havemos de dormir. Vai ser grande o nosso desgaste, sim, mas não importa. Estou determinado a salvar estes rapazes brilhantes e prometedores nas artes, nos ofícios e na agricultura. Por isso mesmo pedi ao Governo que tenha a bondade de caçar a licença da tasca recente, impedir que cheguem a ser abertas as duas em perigo e ainda outras que porventura apareçam. Assim como não se pode abrir uma indústria de mau cheiro sem editais, ponham-se editais, pois que, dada a natureza da nossa obra, nada há que mais mal cheire do que a proximidade da loja. Se as nossas palavras viessem a perder algo da sua força e significado e a Autoridade as viesse a tomar por enfraquecidas, teríamos de dar uma volta à nossa organização actual e mandar embora o rapaz aos catorze anos. Sim. Assim teria de ser. Porquanto ninguém há que se convença de que eles estejam dotados de força interior para resistir a tentações. Outro sim, ninguém que se convença que nós possamos ter meios ou possibilidade de aceitar reincidências. De sorte que, só a rua. Mandar o rapaz para a rua. Quem é a Rua? Ninguém!

Sendo que se trata de uma Obra de todos, necessário se torna que todos saibam dos nossos perigos para que todos nos ajudem. Desde que a opinião pública seja sinceramente informada, é um bom combate. Combatamos. Quem pode medir o valor de um rapaz de lei? Quem, a desgraça de um perdido? Estamos na encruzilhada. Se espreitados pelo perigo aliciante, muitos se perdem. Se aliviados dele, muitos se salvam. Leis? Toda a lei que não tem a Moral por fundamento, é falsa.

NO PRELO

O LIVRO «VIAGENS»

PEDIDOS À EDITORA

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO

A situação do pobre engraxador provocou uma onda de ternura desde o norte ao sul do País. Temos aí numerosas cartas a denunciar os cristãos sentimentos de muitos dos nossos leitores. Eis alguns exemplos: *Porto*—Deus ilumine intensamente os homens com a luz que começa a irradiar desta nova aurora que se aproxima e faça brotar copiosos frutos em muitos e generosos corações. Em sufrágio da alma da minha Esposa envio este modesto auxílio. *Aveiro*—Ao sair do cinema encontrei lá um Gaiato e pedi-lhe um jornal. À noite na minha cama, li-o de ponta a ponta. Deus não há-de querer que o engraxador fique sem casa. Cá estou à mesma hora a fazer a minha oração. A nota novinha que envio é para a casa. Neste momento sinto-me a rapariga mais feliz do mundo. *Coimbra*—Junto envio um vale para suavizar um pouco a situação desesperada do pobre engraxador. Rogo encarecidamente a esmola duma oração, pois como viuva e mãe estou a sofrer as maiores angústias que um coração de mãe pode suportar. *Santarém*—Fez-me muita impres-

são a notícia do pobre, da rua do Capelão. O que envio é para o pão dum dia. *Ilhavo*—Para esses pais sem pão, sem conforto, sem nada, a minha pequenina dádiva. Catorze filhos a chamar ao mundo o egoísmo deste século! Grande meditação! Peço uma avé-Maria pelos meus filhinhos. Uma mãe amiga. *Lisboa*—Tenho aqui um enxoval para o filhinho do Engraxador; diga onde o hei-de levar. Na Igreja do Coração de Jesus onde o homem foi falado, os ouvintes acudiram com quinze contos e meio!!! *Vila Real de Santo António*—100\$00 para o Engraxador. Uma Algarvia. Ao receber tantas cartas de solidariedade cristã, a minha oração era esta: Bendito sejas Tu, Senhor, que por esse mundo além, ainda tens quem de-seja aliviar a paixão do Pobre!

Nós já esperavamos esta reacção benéfica, pois ela deu-se primeiramente na nossa alma, e, logo a seguir, na dos nossos vicentinos que tomaram à sua conta a protecção desta família sub-alimentada. «Eu simpatizo com o meu Pobre», declarou um deles. «Vê-se que é um homem sacrificado, amigo dos filhos e trabalhador».

Até aqui falou a Caridade. Ela tem sempre a palavra quando a Justiça está calada, ou, pior do que isso, quando foi ofendida. É o caso.

Se é de louvar o zelo cristão de acudir generosamente às aflições do próximo, isto não dispensa a intervenção da Justiça Social. É por ela que estamos a clamar.

Quando é que os Poderes Públicos tomarão consciência da responsabilidade que sobre eles impende, de olhar pelas famílias numerosas cujos chefes se esgotam em ocupações não sindicalizadas? É não se repara que são precisamente as classes mais sacrificadas—agricultores, serventes de pedreiro, vendedores ambulantes, engraxadores e outros,—as que menos benefícios recebem da orgânica social.

São também os pequeninos, os primeiros sacrificados pela força ou pelo egoísmo dos maiores.

Os nossos jocistas foram há dias bater a um portão brasonado para pedirem a venda duma parcela de terreno despresado e ali fazerem as suas casitas. Centenas de hectares ficavam ainda para regalo do senhor.

Resposta: Se querem uma esmolita, eu dou; vender não vendo. E fechou a porta.

Talhou-se uma estrada larga através de terrenos de pequenos

(Continua na 1.ª coluna da página seguinte)

Atenção

No próximo mês de Maio, data que se disser, vamos entregar as casas do «Bairro D. António Barroso». Está o Prelado da Diocese. Estão párocos e vicentinos de Miragaia, as 28 famílias e o mundo das suas relações, o Pessoal da Alfândega, Despachantes e ajudantes deles, a Shell, a Marconi, o Instituto de Vinhos do Porto, Banqueiros e Bancários, a Guarda Fiscal, Gás e Electricidade, Águas e Saneamento, os C. T. T., a Vacuum, Manuel-Margarida, Maria. Outros de quem ora me não lembro. Muitos que vêm sem ser lembrados.

As casas encontram-se numeradas. Há-de haver no local um estrado, de onde uma voz chame e entregue as chaves, enquanto outros indicam as moradias. Tudo muito simples.

Venham. Não deixam palmo de terra por calcar. É a hora do Pobre. Uma vez que não é possível a todos ir ver como eles eram, que todos agora vejam como eles são.

Mobílias sim. Quem quiser pode oferecer. São setenta dependências. *Porém* o Pobre quer tenda com que se entenda. Quem oferece assim deve compreender e oferecer peças adequadas.

AQUI, LISBOA!

(Cont. da primeira página)

agricultores. Lá longe a estrada estreitou bruscamente, porquê? Por causa da mata do Senhor Doutor. Numa reunião de empresários (alguns católicos) propunha-se a aplicação das Encíclicas no que diz respeito à comparticipação dos operários nos lucros da empresa. A assembleia reprovou por unanimidade a moção...

Há agora fartura de leite. Deus louvado. Há que pagar por metade do preço o que se destina a lacticínios. Enquanto as centenas de litros dos senhores quase não sofrem redução, as dezenas dos Pequenos recebem uma insignificância.

Justiça que tão desconhecida és, por onde andas? Não vês que a tua irmã, a Caridade, se esgota sem poder acudir a toda a parte onde a chamam? De mãos dadas, sim; meter-se cada uma no campo da outra, não.

Se ao menos os que têm o Evangelho, tivessem fome e sede de Justiça e procurassem dar-lhe o lugar que compete na sua consciência, na sua família, no seu negócio, no seu emprego, no seu lugar de comando... Como o mundo teria outro encanto!

Para tranquilidade de todos comunicamos que os maus agoiros dos médicos se desvaneceram: que o estado de fraqueza da mãe podia ser fatal; que em vez de dois, o pai poderia esperar por três filhinhos. Afinal a Providência foi amiga, mais uma vez: sem mais complicações nasceu um único bebé; robusto, a valer por três!

A Misericórdia está a dar 200\$ para a renda do tugúrio, e a Conferência do Lar—Rua Capitão Renato Baptista 70—1.º, está a levar semanalmente uma ajuda substancial.

PADRE ADRIANO

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Poderíamos fazer desta secção um novo mapa de Portugal porquanto, dos que se vendem, não consta o nome das freguesias que ora aqui chegam a pedir comando. Eu não os conhecia e nem agora sei aonde ficam. Tenho de perguntar se lá quiser ir. Um dos párocos endereça desta maneira: *Direcção Nacional do Património dos Pobres*. Aqui temos a encarnação de uma ideia. Amei tanto o envelope que não fui capaz de o botar no cesto; pus-lhe os olhos em cima e hoje encontra-se devidamente arquivado com as mais cartas do assunto. Párocos e vicentinos mostram-se entusiasmados e cada um, a seu modo, diz o que pensa da oferta do Governo e da maneira como ela se deve aproveitar. Eu também digo o que penso; alguém do lado, pode criticar, achando pouco, sem relação a outras participações. Mas não. Chega. Todo o seu valor está na presença do Governo. É o estímulo. É uma grande alegria do povo. Esta pequenina quantia, por ser certa e vir do alto, vai naturalmente chamar pelo nome de todos os fregueses aonde o pároco é pastor e mestre. Dias de trabalho. Carretos de materiais. Madeiras. Vidros. Telhas. Pregos. Tudo. A base está. O resto é elevação. É mesmo preciso que assim seja, para que se não dê a indiferença. Outra vez é preciso que assim seja, a fim de que, cada membro da paróquia, tenha o seu nome no *Património*.

Já que se vem pedindo conselho e direcção a um dos padres da rua, todos eles são de opinião que se não deve recorrer a meios profanos com o fim de angariar donativos. Insista-se no uso da esmola escondida e sacrificada. Pregue-se o seu valor. Tome-se o momento das casas para pobres como a grande oportunidade de cada um enriquecer a sua alma; pois que todos sabemos pela doutrina, que não existe outro caminho de se chegar até Deus, que não seja o amor do próximo. Cada pároco no seu altar, deve infundir e formar assim a consciência cristã dos seus paroquianos; jamais confundir o divino com o profano. Veja-se o que se fez na freguesia de Peravelha, consoante a carta dada a lume noutra sítio.

Já temos na mão os originais e estamos tratando das cópias, que a estas horas se devem encontrar nas mãos de quem tem pedido. Vão modelos de casas gêmeas. Modelos de casas singulares. Modelos de dois pisos, aonde o terreno pedir. Não é de aconselhar o bloco. Insista-se na legenda *Património dos Pobres* ou no cunhal de cada casa ou numa pedra solta e tosca junto do aglomerado. Que eu saiba assim se fez em Mirandela, no Carvalhido e Miragaia. Porque alguns párocos falam numa pequenina renda, saiba-se de uma vez para sempre que a essência da obra é justamente a sua total isenção. Casas de renda baixa também são necessárias, sim, mas isso é outro assunto.

Afim de se manter a disciplina das construções dentro da variedade, o Ministro está disposto e de facto coloca ao nosso dispor, Norte, Sul e Centro, agentes que vão e observem. Não é uma intromissão. De maneira nenhuma pode haver embargo. É um conselho e não é mais nada. De resto é

útil. Muito útil à beleza da obra. Se vamos deixar tudo ao critério de cada um, teríamos casas segundo o conceito que cada um faz do pobre. Não há muito que um senhor me reprovou na cara o que se anda a esbanjar e que se podiam erguer quatro casas com o dinheiro que se gasta numa. Que os pobres estão afeitos à barraca e mais e mais e mais.

Outros, escandalizados, mandam dizer que eu sou um animal desordenado e estou causando a grande confusão do dia. Por isso mesmo, venham os Agentes técnicos.

Capacidade, linhas, pormenor, beleza! Nada disto encarece e a Obra tudo merece.

Noticias da Conferência da Nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS:—Estamos imensamente gratos à numerosíssima família de leitores e assinantes do nosso «Gaiato». Sim senhor. Basta levantar o dedo, dar sinal e pronto. Assim foi. Temos solicitado que na ocasião de saldar contas com a administração do jornal façam um pequenino acréscimo e indiquem que é para a nossa Conferência. Assim tem sido. Não tanto como desejaríamos—mas lá diz o ditado: *quem tudo quer tudo perde*. Conformamo-nos com o que vem. E tem vindo; se não vejamos: *Se sobejar alguma coisa mande para a Conferência da Aldeia*, 50\$00 do Dr. António de Pinho, de Aveiro. A assinante 12.328 de Ranhados (Douro) pagou a assinatura e diz que 20\$00 são para os pobres de Paço de Sousa. E mais 30\$00 de Luanda. E 50\$00 do assinante 4274, do Porto. Agora, atenção, temos na mão uma carta hoje recebida: «Em cumprimento da promessa feita, junto remeto 50\$00 para o pobre mais pobre da Conferência da Aldeia. Bastará ler no «Gaiato» *sim* para eu ficar satisfeita e feliz. Da professora e Mãe». Esta pequenina carta é da Senhora da Hora, A. Ferreira, de algures, com 37\$50. Os costumados 20\$00 para a Conferência de S. Vicente de Paulo da Aldeia, ora provenientes de Lisboa! Da terra da neve e do frio—Covilhã—50\$00 para os pobres mais necessitados do que nós. Do meu amigo e Sr. Rocha do Coliseu, 20\$00. Até breve. O assinante 259 pôs as contas em dia com o jornal e livro e incluiu 30\$00 para os nossos pobres. E mais remanescentes: do Porto, 100\$00 para a vossa Conferência. David Ferreira da Costa, também do Porto, 0\$00. Leopoldina Viegas, de Molelinhos, se alguma coisa crescer é para os pobres que auxiliam, 70\$00. Vanduzi—Beira—África, com 50\$00. Que calor! Georgina Baptista, de Coimbra, 10\$00. Assinante 28997, o dobro. Amândio Murta, de Tomar, encerra a coluna com 20\$00. A todos, os nossos melhores agradecimentos em nome dos Pobres.

Júlio Mendes

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO PAÇO DE SOUSA

Tribuna de Coimbra

Parece que não. Mas este pingar de dez tostões de cada jornal em cada venda vem tapar muitas bocas.

Mas muito além da parte material que a venda deixa, fica a doutrina para quem lê e as lições extraordinárias que muitas vezes dão aqueles que compram.

Os nossos vendedores dão testemunho do espantoso e muitas vezes do milagre. Quando chegam não pode haver entraves à sua alegria. Não é necessária licença para abrir portas e entrar, o ímpeto que lhes vem na alma.

Na última vez foi na sede duma Empresa Hidráulica. O nosso vai, entra e corre tudo a oferecer. No final, poucos vendidos. Um Engenheiro chama e pergunta e levanta-se e vai com o pequeno de um em um e todos compram. Aos que não podem pagar, paga ele. No fim compra mais dez à sua conta. E queria ir mais adiante, mas o pequeno pôs travão. Os olhos do Joaquim, ao contar-me, faiscavam lume. *É um Senhor Engenheiro ainda muito novo e compra sempre muitos. Aquele é que é nosso amigo.*

Se este Senhor soubesse o passado daquele pequeno, ainda mais o havia de amar.

Outros, doutros modos, chegam, radiantes. Embrulhos debaixo do braço, bolsos cheios, peças de vestuário já no corpo, calçado já nos pés e por aí fora.

E então na Beira Baixa as Senhoras e Senhores já disputam para os hospedar. Esses vêm carregados. Os habitantes da Covilhã enchem-nos e os de Castelo Branco também não querem ficar atrás. Os de Fundão não podem ser melhores.

Para os vendedores da Beira Baixa, que são o Pião e o Figueiredo, são necessárias duas horas livres para a hora da sua chegada. Ninguém de fora tenha dó deles, tal os vestuários e agasalhos que por lá lhes têm dado. Tudo o que há de melhor.

A nossa aflicção é que eles por lá não se saibam conduzir e corresponder a tudo quanto a eles e a nós fazem. Um tem dezassete e outro dezasseis anos. Má idade e má origem. Que os nossos muitos e bons amigos os ajudem por lá.

Em Coimbra é a escola. Ninguém nesta cidade se admire com a praga que se junta à porta de Santa Cruz. É aqui o berço. Depois daqui é que eles hão-de voar. Os que vão para a Beira, Figueira, Anadia, etc; apanharam azas em Coimbra.

Temos que nos regozijar com os seus entusiasmos e temos de ficar serenos com as suas queixas. Há empresas e repartições públicas e pastelarias aonde os não deixam vender e eles vêm barafustar. E nós explicamos que ninguém é obrigado a deixá-los entrar e aturá-los mas eles não compreendem.

Acontece por vezes que há Senhores que mandam os maiores trabalhar. Eles ficam maguados e a estes dou razão, pois a venda do jornal é um trabalho e custoso.

Mas estes casos são muito raros. O que nós encontramos habitualmente é um ambiente cheio de compreensão e carinho. E a maior parte das vezes esta compreensão e este carinho operam no rapaz verdadeiras transformações para bem.

PADRE HORÁCIO

BARREDO ISTO É A CASA DO GAIATO

Foi ali às *Alminhas da Ponte*. Em vez de seguir por cima do Muro desço meia dúzia de caleiras e mergulho no beco. Conheço aquele lugar. Existe ali uma porta que dá para um buraco. Buraco sim, sem hipóbole nem analogia. A porta estava fechada. Bato e oiço. Eram gemidos. Torno a bater. Alguém abre por dentro. Entro e fecho na cara do rapaz e outros curiosos. A doente acende uma vela de estearina e porque se não pode ter, deita-se. A cabeceira e sobre um caixote, está uma tijela com restos de comida. *O meu homem deixou ficar isto e foi-se embora. O homem é do rio. É carrejão.*

Eu tinha a vela acesa na mão e não via ali de como e aonde a pudesse colocar. A mulher toma por hora de Deus aquela que ali me trouxe; *amanhã é o dia da renda, quarenta e cinco escudos. É um buraco. Além desta desgraça, temos ali outra maior: haver quem colecte e receba.*

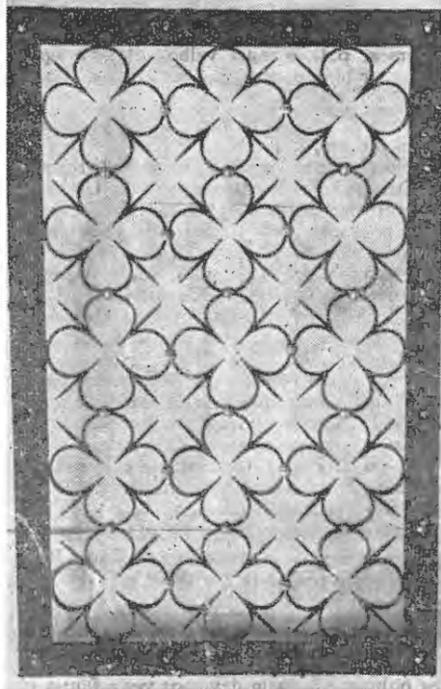
A vela ardia. Jesus Cristo, nos seus ensinamentos, foi muitas vezes buscar a candeia para tirar lições. Enquanto escuto e conforto, vou meditando. Mesmo dentro dum Buraco, a vela de estearina pode ser luz do mundo... A Doente tinha estado no sanatório D. Manuel II de onde saiu há tempos para o buraco. Tendo perguntado se e quando regressa, ela responde que está à espera. Quando assim é, fico a cismar se verdadeiramente é útil levantar edifícios com o nome de Reis de Portugal. Equipagem. Pessoal. Ar. Luz. Muita esperança. Tudo de tudo para todos. E no fim o Buraco. Que pena!

Saio dali com estas considerações no meu peito. Adiante e enquanto me dirijo para um caso semelhante, oiço dizer que ontem tinha ido para o sanatório de Pairedes de Coura. Boa sorte. No caminho mais casos. Mais histórias. Depois das contínuas e pesadas chuvas de Fevereiro, aquele dia de Março, sem tirar nada à dor dos que ali sofrem, ajudava a sofrer. Até eu andava mais contente.

Em vez de S. João subi os Mercadores a passo lento. Muito lento. A um portal e sobre uma pequenina mesa, era um prato de alumínio com moedas dentro. Alguém conta-me da sua presença. Era a pedir para o médico que tinha estado ontem. *São trinta mil reis.* Eu já conhecia. Tenho por ali passado mais vezes. A princípio costumava ser o próprio doente numa cadeira de lona, aonde agora era o prato. Hoje não pode e eu subi ao primeiro andar. Era um engraxador. O quarto é pequenino e despido. Custa sete escudos por dia. A notícia é velha. Desde que descobri o Barredo, tenho falado dela aos meus leitores. Novo, espantosamente novo, é o sentimento de curiosidade que de nós se apodera, ao perguntar cada um a si mesmo, como é possível arranjar dinheiro, num reino de tanta miséria! Sete escudos por dia.

Desço os degraus e começo o mesmo passo. Outro portal. Numa cadeira de viagem e embrulhada num chaile castanho, está uma mulher ainda nova. Não levanta a cabeça. Não fala. Foi outra que tomou a palavra e disse tudo. A doente não tem ninguém. No hospital teve alta, não por saúde, mas porque a doença se

*** Os nossos grandes empreendimentos, são dados a conhecer nestas amostras de ornamento em ferro. Estamos na idade do ferro. Se não estou em erro foi em Coim-



Um primor

bra. Os mestres de Tovim, afinaram o bom gosto e hoje tudo pende para aqui. Ora nós temos uma equipa de *artistas* e oficinas em forma. Padre Carlos tem-se farto de me gastar dinheiro; ele ferramentas, ele máquinas de soldar, ele coisas que eu não conhecia nem de nome, nem de vista, nem de nada. E ora só as conheço porque as pago. O resto é com ele.

Pois bem. Em sinal de regozijo pelo dia de anos do *pequeno*, façam-nos uma encomenda. Peçam orçamentos. Mandem ideias ou desenhos e a gente executa. Está o Fonseca, o Rui, o Machado, o *Risonho* e outros. Mesmo que seja obra arrojada, sacadas ou portões—não temos medo. Nada nos mete medo a não ser a falta de trabalho para esta gente. Isso sim. Isso tememos.

Mandámos há dias para a Costa d'África a pedido, amostras das nossas habilidades. Se a coisa pega e os amigos de além dão em adornar suas formosas habitações com estes trabalhos, vamos ter serralheiros á compita com tipógrafos!

Quem sabe se viremos a ter despachante por nossa conta, pedir praça nos cargueiros, abrir crédito nos Bancos, tornar-nos fortes pelo trabalho, humildes por condição, ajudar muitos, salvar mais e deixarmos de ser clientes do Terreiro do Paço por todos os séculos dos séculos—quem?!

*** Eu vejo-me e desejo-me com os anos. Os anos deles. Ainda bem não e aí vem um—*eu faço hoje anos.* Isto quer dizer uma prenda. A prenda sem igual é uma caneta de tinta permanente. Não sei se ainda vive alguém que uma vez, de Lisboa, nos mandou uma remessa delas de *ovo*. E se vive, não sei se estará em casa.

Hoje em dia faz-se pouca vida de casa; uns porque a não tem. Outros sim, mas falta espaço.

prolonga. Foi da viela e este é o preço da Viela. Dei o dia por terminado. Desço ao Mousinho. Subo aos Lóios. Estava no Porto.

Outros, ainda, porque se aborrecem de espaço a mais e preferem as reuniões. Seja como for, se aquele alguém vive e mora em sua casa, repita. Ontem fizeram anos quatro!

*** Tornou à nossa «aldeia» a pancada do tear. Foi o caso que o senhor Abel Figueiredo de Santo Tirso, ofereceu-nos em tempos um tear carregado para juntar a outro que cá tínhamos. A princípio tudo correu bem, mas ao depois não. Como era sózinho e as coisas em que pensar muitas, desisti. Vem P.^e Carlos. A ideia ressuscita e justamente quando nos preparávamos, aí vem o Senhor Mário de mando do Senhor Figueiredo. Feliz coincidência! Limpam-se os teares. Vieram teias e tecelões. Fomos buscar ao Porto um dos nossos que ali era em aprendizagem para afinador. E temos pano com fartura. Ele cotim. Ele riscado. Ele crú. E agora a senhora da cozinha meteu nariz e pretende uns desenhos e cores especiais. Quando os senhores cá tornarem, não esqueçam uma visita à casa dos teares.

*** Avelino vai-se casar. É no próximo Junho. Foi ele quem me deu a notícia ele, o reservado!

Isto de dar ao rapaz qualificado e escolhido uma casa por dote, é algo de estranho no mundo português. Mas não desejo de forma nenhuma ser sózinho. Não quero. Eu a casa, vós o recheio. Assim como há dois anos, assim agora. Este vale tanto como os dois primeiros. O último é mesmo o primeiro.

Qualquer coisa do vosso enxoval, ou comprado segundo o gosto. Não dêm tudo. Guardem. É que brevemente torno. Há mais casamentos.

Tudo quanto vier, seja dirigido ao Avelino directamente. Por encomenda postal, no Depósito, no Lar, por mão. Das Províncias e Estados Ultramarinos, Arquipéla-



A casa do Avelino

gos e Ilhas. Da América, tanto do Norte como do Sul e Centro. E dos seus colegas em África senhores Amadeu, António, Carlos, António, Luiz, Zé Reis, Poveiro, Carlos Alberto, Zé Maria; e dos do Brasil e dos de Londres. É em Junho.

*** Avelino é natural de Coimbra, orfão de pais e tem 23 anos. Era de 10 quando chegou. Timido. Discreto. Perfeito na sua obrigação. Pacote na Vacuum do Porto, um dia vem o Gerente de propósito a Paço de Sousa comunicar um aumento de ordenado. Respondi que não valia a pena, pois que dentro em pouco o iria buscar. O Gerente estranha a atitude e afirma que o rapaz poderá vir a ser um Inspector. De novo lhe corto a palavra: *maior do que a Vacuum é a Casa do*

Gaiato. E que se o rapaz lá, também aqui. E assim nos despedimos.

Avelino é hoje responsável por quarenta mil fichas do jornal. É o



Outro primor

fiel da Casa. Lida com milhares de contos na roda do ano. Deus o ajude.

Do que nós necessitamos

Mais 100\$00 do Porto do meu primeiro salário. Mais de Angola, Membassôco, 100\$00. Mais 200\$00 do colégio Nuno Álvares de Tomar. Mais uma encomenda postal de Lisboa para o *Salta Pocinhas*. Os senhores não queiram saber nem perguntar o que tem sido aqui em casa com o *Salta Pocinhas* mai-los da sua grei, por via de um casaquinho e umas calcinhas e mais coisas deste género, não queiram saber! E mandem mais. Mais 100\$00 de Minde. Mais metade de uma professora do Porto. Outro tanto de M. J. do Porto. Mais de Espinho 29\$00 de *um que faz 29 anos e pede a Deus condições para fundar um lar*. Deus quere. É este, até, o seu mandamento: *multiplicai-vos*. Deus quere, torno a dizer. Mas os homens não. A sociedade não. Mais roupas de África. Muitas. Muito variadas. Muitos pacotes de muitos distritos. É aqui o fim do mundo quando os avisos chegam. Estes são amarelos. Os rapazes já os conhecem e passam palavra e fervem. As vezes acontece ser roupas para meninas e é um desconsolo para eles. *Ora bolas*. Para mim não. Dezenas de famílias do Barredo vestem-se hoje com roupas de África e também, ainda que menos, da América do Norte. São Portugueses. Nunca retirei de dentro destes pacotes a recomendação—*po-de usar sem receio de contágio*. Ali não há destas doenças. O sol e a genébra matam os micróbios. Mais 200\$00 de uma promessa do Porto. Mais 20\$00 de Óbidos. Mais 900\$00 de Lisboa. Mais 100\$00 *para azeite da lamparina*, Coimbra. A Raquel de Mocamedes digo que o cheque do Jaime foi recebido. Mais 5 dólares e roupas da Maria de Newark. 1.000\$ de Lourenço Marques. 400\$00 do Mário Pinho, Beira. Mais 3.533\$10 em cumprimento de uma promessa. Mais 300\$00 do Porto.



UMA CARTA

«Nos fins do ano p. passado, um incêndio destruiu uma quase barraca onde um pobre desta localidade deitava dois filhos, junto de algumas ovelhas que eram suas. Os filhos dormiam ali pelo facto da casa onde habitam que não é sua, ter, além da cozinha, apenas um compartimento apertado, onde se deitam agora, além dos pais, 3 rapaziños. Faleceu o item o mais novo, de dois anos, porque já eram 4 filhos. É natural que venham mais ainda. Ora, o povo ficou consternado e, aproveitando a ocasião lançou-se a ideia de construir lhe uma pequena casa onde pudesse viver decentemente. Organizou-se uma Comissão para angariar donativos a que já já saiu arranjando à beira de 2 000\$00, aqui e nas povoações vizinhas. Esta localidade tem só 58 fogos e ninguém é rico, porque a propriedade e ainda bem, está muito dividida. Apelou se também para o Brasil, mas de lá não veio nem virá nada... Precisávamos ainda de 2 500 escudos para levarmos ao fim a nossa empresa. Porque dá-se o seguinte: O pobre já tinha começado a fazer uma casa onde depois armou a barraca que ardeu com 5 ovelhas, algum linho e as mantas da cama, mas teve que desistir por falta de meios. Ora o pedreiro, aproveitando o que ele já fez e a pedra que tem no local, faz nos uma casa de 7^m x 8^m, com 2 janelas, por 2.000\$. O transporte da pedra que faltar, que ainda é bastante, os agricultores fazem-no gratuitamente. Temos a oferta de alguns carvalhos para as travessas e de bastantes pinheiros para os caibros. A terra também será transportada de graça. Só nos falta alguma madeira para a armação e divisões, para a porta e janelas e o dinheiro da telha e para o carpinteiro e trolha. Alguns artistas dão um dia de graça e os serradores que aqui residem e são da região de Leiria, também ofereceram gratuitamente a serragem da madeira. Eu calculo que 2 500\$00 ou 3.000\$00 bastariam para acabar a casa, não falando dos 2.000\$00 que já possuímos que seriam para o pedreiro. Não ficaria tão perfeita como as do «Património dos Pobres», mas já nela poderia viver decentemente o nosso pobre com a família.

No último «Famoso» vejo a oferta de 5.000\$00 para cada casa que se construa. Fiquei animado. Só o meu receio é este: que por causa da planta a que tem de obedecer-se nos falte ainda mais dinheiro do que aquele que julgamos ser-nos preciso. É claro que a casa ficaria mais bonita, mais arranjadinha e integrada no «Património dos Pobres». Mas, decerto, além dos 7.000\$00, nos faltariam ainda alguns 4 ou 5 contos... e onde arranjá-los? Não sei por onde optar: Se pedir ao Rev. P.e Américo um subsídio ou se aceitar os 5 000\$00. Receber os 5.000\$00 do Governo e o subsídio de 2.500\$00, seria ouro sobre azul! Então, sim, Peravelha teria a sua casa para o pobre, o único que na povoação a não tem decente.

Como vê, Senhor P.e Américo, bati a todas as portas, onde vi que me poderiam auxiliar, antes de bater à sua: aos meus paroquianos e vizinhos, aos do Brasil, mas em vão, assim como em vão me dirigi à Comissão Municipal de

Assistência de Moimenta da Beira a cujo concelho Peravelha pertence. Espero agora que não será em vão...»

Quando os Grandes tornarem com ameaças na letra dos jornais, não lhes devemos dar crédito. Eles não sabem o que dizem, mesmo que se digam cientistas. Podem descobrir o que anda encoberto no seio da Criação, mas de maneira nenhuma são criadores. A última palavra é de Deus. Nem medo nem crédito nem nada.

Por fundamento do que deixamos dito, aqui se dá a leitura desta carta. Houvesse dez justos nas cidades escandalosas de que a Escritura fala e teriam sido poupadas ao fogo do Céu. Não se encontraram. Deu-se a destruição. Mas aqui não. *O povo ficou consternado.*

Não há comentários. O enredo é perfeito. A verdade transluz. Pároco e povo completam-se. Eis a norma de como o mundo se pode tornar melhor. Para não retirar uma tamanha doçura da boca dos leitores, saibamos que já tem morada decente o *único que na povoação a não tinha*. Mas não nos contentemos com o reter a doçura; vamos causar mais. Mais doçura. Como? Formando nma pequenina companhia de seguros contra incêndios e tomar sobre os nossos ombros o prejuízo total do sinistrado: *cinco ovelhas, linho, e as mantas da cama.*

Eu tenho que este comentário há-de ser lido no altar da igreja paroquial à estação da missa; homilia como jamais se discutou em toda a diocese!

Pois bem. Sejamos práticos. Se não somos capazes do heroísmo do povo da freguesia, que deu do que faz falta, demos das sobras, o suficiente para as 5 ovelhas e as mantas e o linho;—mai-lo caixão do pequenino que morreu!

Assim como do linho, no número passado, assim hoje a serra dos serradores. Fomos à nossa mata e ali derrubamos uma data de eucaliptos para madeiras de construção. Andamos em mãos com a primeira casa de Beire. Para sermos um homem do tempo, devíamos ter escolhido uma das três fábricas aqui perto ou mesmo a todas elas e num instante era a obra consumada. Se o tempo é dinheiro e este é que vale, parece não haver hesitações. Em vez do que, chamei António carpinteiro, a quem dei ordens para mandar vir serradores.

As árvores estavam já estendidas no sítio aonde caíram. Cairam e ficaram. Gosto muito da imagem da Escritura, que se serve deste facto comezinho para nos pregar o Fim. *O homem para onde cai fica.* Se bem, se mal, fica.

Estavam, pois, como se vai dizendo, muitos traços de madeira à disposição dos serradores. Eles aí vêm. São duas serras. Quatro homens. Dois estaleiros. Não têm pressa. O relógio deles é o do sol. Não sabem que existe o mundo

Notas duma viagem a Lisboa

Estas notas já têm barbas, pois tiveram que estagiar no galeão, devido a falta de espaço com que lutamos, até que chegasse a sua vez. Chegou, mas era bem pior se não tivesse chegado. Façam, por favor, de conta que não sabem de nada e vamos continuar:

Como os nossos leitores já se devem ter lembrado, ficámos em Santarém.

Depois de comerem, os Pintassilgos ficaram dispersos, pois o mais velho foi para outro quarto, enquanto que os outros dois ficaram num.

Antes de nos deitarmos juntámo-nos para rezarmos o terço.

Depois deste começámos a dormir, para acordarmos ao outro dia de manhã. Levantei-me, dei uma volta pela cidade, para ver as coisas principais, tendo feito uma entrevista a um dos guardas.

A cidade é grande, bonita, sendo digno de ser visitado: o Quartel da Cavalaria 4, Museu dos Coches, logo ao pé a Torre do Cabaceiro, lugar este onde foi tomada a cidade aos mouros, Convento de Santa Clara, Portas do Sol, que é um castelo antigo convertido em jardim estando no ponto mais alto da cidade, que domina todas as povoações em volta. São de facto, umas vistas imponentes. Que beleza!

Lá em baixo o Tejo, contente com sua sorte, vai a caminho do mar, cantando...

O Pai Américo encontra-se com o Pároco, Sr. P.e Manuel Jorge que lhe pede para dizer umas palavrinhas ao microfone da Rádio Ribatejo, sobre o fogo que queima Portugal inteiro — o Património dos Pobres.

Lá nos dirigimos ao Rádio Ribatejo e o Pai Américo fala durante quinze minutos de Cristo Crucificado, da choupana, dos que podem dar, dos pobres, em quem devemos ver a figura incomparável de Jesus!

Oxalá que Santarém compreenda este problema, que flagela a Humanidade da hora actual.

Menos promessas, menos discursos, menos banquetes, menos palavras, para se dar ao irmão pobre casa e pão.

Rádio Ribatejo é um posto pequenino, mas muito jeitosinho.

Já não chove, o tempo alisou um pouco, perante a alegria dos Pintassilgos.

Partimos de Santarém e daí a nada estávamos em Vale de Santarém, terra Ribatejana cem por cento.

Aqui o Sol espreita-nos por uma neblina duma nuvem, como a dizer-nos que estava presente, mas daí a nada, outra atrevidamente a tapava... Para estes lados há muitos sobrelros, tanto que dá a impressão de serem um autêntico viveiro.

Depois aparece-nos a preciosa vila do Cartaxo. Vila pequena mas engraçada, tendo no meio uma grande praça de touros, aonde seus habitantes se divertem.

As paisagens são cada vez mais bonitas e começam a destacar-se grandes searas.

Passamos por Azambuja e Carregado.

Aqui se não fora a pericia do Pintassilgo do volante, teríamos tristes factos a assinalar, pois uma carroça atravessou-se na estrada que, por sinal, é magnífica.

Quando mal nos descuidamos, estávamos em Vila Franca de Xira, a terra das carroças e

das touradas. Devemos realçar também a sua imponente ponte sobre o rio Tejo, que liga esta parte do Ribatejo à provincia do Alentejo. Também se destaca a sua Praça de Touros, uma das maiores do país.

Lisboa está perto, mas antes está Sacavém, terra de louças—e Alhandra.

Já começa a haver movimento na estrada e já começamos a ver aviões, que mais parecem pássaros ampliados.

Mais uma rodada do Morris que se encontra em excelente forma e estamos na Capital do Império. Ruas e Avenidas rasgadas, grandes prédios e novos arranha-céus se erguem pelas alturas, como que a aproximar-se do Criador; grandes eléctricos, auto-carros de 1.º andar, etc.

Depois de atravessarmos enormes ruas, chegámos à Renato Baptista, onde se encontra instalado o nosso Lar, que tem dado enormes dores de cabeça ao Sr. Padre Adriano, mas tem feito bem a alguns dos nossos irmãos, que se preparam para amanhã serem integrados na sociedade, com vantagem para esta.

Por feliz coincidência estava o Sr. Padre Adriano, com quem bastante gostamos de falar.

Era quase hora do almoço e enquanto esperava, cheirei todos os cantos. Encontrava-se tudo muito bem arranjadinho, como a desafiar os de Paço de Sousa...

Era cerca de uma hora quando nos sentámos à mesa para comermos o caldinho. Depois da barriguinha bem cheia, toca o Morris a andar em direcção à Cadeia Penitenciária, onde o Pai Américo foi em serviço, tendo passado pela majestosa Avenida da Liberdade.

O Pintassilgo mais pequenino como tipógrafo, desejava visitar o Diário de Notícias, mas não havia tempo; pode ser que torne lá e tenha sorte...

Logo em frente está o Parque Eduardo VII, o mais lindo que conheço. É simplesmente magnífico! Lá no alto, a dominar, está o Pavilhão dos Desportos, onde Portugal Desportivo já conheceu tantos dias de glória.

Ninhada completa, como se fazia tarde, toca a andar a caminho de Paço de Sousa.

Estávamos em Alenquer num abrir e fechar de olhos.

Daqui a pouco vem a Ota. Aqui estavam dois soldados na bermã da estrada. Perguntámos se queriam alguma «boleia». Disseram que não, tendo agradecido muito o nosso gesto.

Aparecem-nos depois: Espinheiro, Cercal, A-dos-Francos, onde se vêem moínhos de vento e no meio a pitoresca serra de Montejunto, que nos convida a pensar na mão poderosa da Providência.

Passamos por lindas paisagens em que o nosso Portugal é fértil e num instante estávamos nas Caldas da Rainha, cidade grande e muito linda. A nossa grande pena foi não termos tempo para darmos uma vistinha d'olhos ao mesmo...

Continuam as lindas paisagens, de entre as quais destaco a de S. Martinho do Porto.

Começa a chover e o Pintassilgo mais velho observa: *Vamos ter chuva até casa...*

A seguir vem a progressiva Alcobaca, com o seu imponente Mosteiro de Santa Maria.

De Aljubarrota, temos a destacar a Capela de S. Jorge, mandada executar por Nuno Álvares pela nossa vitória contra os castelhanos.

Batalha fica mesmo ali pegada, com seu soberbo Mosteiro a dizer-nos que há algo de mais nobre do que todas as nossas ambições terrenas: só olharmos para nós, não pensando que todos somos irmãos, que só o dinheiro é que vale, e rirmo-nos com as fraquezas e doenças dos outros, etc. etc.

Chegámos a Leiria já de noite e a chuva a apertar.

Daqui a Coimbra já os nossos leitores conhecem o caminho.

Chegados aqui, ficámos deslumbrados, com o efeito que dá lá do alto a iluminação da ponte de Santa Clara.

Seguimos daqui por Aveiro, onde numa tasquinha muito jeitosa fomos tirar a barriga de misérias...

Aqui destacou-se o Pintassilgo mais pequenino, que não teve mãos a medir...

Seguimos o mesmo caminho da ida, tendo apenas a destacar: Quando chegámos a Oliveira de Azeméis, dois soldados fizeram-nos paragem e por ordem do Pintassilgo mais velho, toca a parar.

Um deles saiu-se: Sr. Doutor, há uma bofetinha.

—Da onde vindes?

—De Tancos.

—Para onde ides?

—Para o Porto.

—Entrem.

Um era de Viana do Castelo e o outro da cidade do Porto. Chegados que fomos aqui agradeceram e o Pai Américo deu dinheiro para o de Viana ir de combóio.

Como em todas as nossas casas se reza o terço todos os dias e como não devíamos ficar sem ele, começámos a rezá-lo.

Depressa chegámos à cidade em miniatura que é a Casa do Gaiato de Paço de Sousa, de volta de Lisboa, ficámos com vontade de lá voltar apesar de não o merecermos e ficam alguns dos nossos leitores a fazer «baixinha» por não terem a sorte deste vosso amigo,

SERRADORES

dos sindicatos. Pousam a ferramenta. Tiram o casaco. Com olhares de mestre, escolhem o sítio dos estaleiros e agora começam a carregar. Os traços são conduzidos sobre rolos. Não há cordas; são ganchos de ferro a prender. Uma vez colocada no sítio, começam por marcar. A medida consta de um sarrafo. Por tinta, uma infusão de cortiça queimada. O prumo é um cabo de machado suspenso na mão e à flor dos olhos. Estão dadas as linhas. Vai-se começar. É o empirico no seu melhor. Tudo como no seio da natureza.

Agora é ver os homens a serrar, um de cima e outro debaixo. Quisera saber anatomia. Que estilo! Que beleza! Ceda a máquina ao homem para que o homem não seja máquina.

Os serradores! Os homens da selva! Assim como teares e rocas, gostaria que jamais acabasse a dinastia dos serradores. Mesmo para que nunca falte quem serre caibros por amor de Deus e bem dos pobres, como vem a dizer a carta de Peravelha.